

Farm to factory
A reinterpretation of the Soviet industrial revolution ¹

Mauricio Chalflin Coutinho ²

Farm to factory, de Robert Allen, é uma reinterpretação da revolução industrial soviética (como informa o subtítulo), efetuada com base em uma reconstrução analítica do crescimento econômico da antiga URSS no período 1917-1989. A reconstrução apóia-se em dados econômicos e demográficos, em hipóteses e modelos da teoria econômica, bem como em aplicações econométricas a séries de dados muitas vezes reconstituídas pelo próprio autor.

Conforme Allen, a argumentação desenvolve-se ao longo de três eixos. O primeiro deles é a reconstrução das dimensões quantitativas do crescimento soviético, facilitada nas duas últimas décadas pela abertura de arquivos e acesso a novas informações. O segundo, o estabelecimento de comparações internacionais. Finalmente, o recurso a questões contrafactuais. Acresça-se a esses eixos o apelo à polêmica e às interpretações e dados contraditórios. Cada um dos dez capítulos do livro situa as teses em debate e em seqüência as reformulações, confirmações ou contestações que a pesquisa permitiu ao autor estabelecer. Quer dizer, trata-se de uma obra voltada à polêmica, tanto no plano geral quanto nos pormenores.

No plano geral, contrariamente a uma diversificada gama de interpretações que enfatizam o fracasso da economia soviética, ou que assinalam que a industrialização forçada fez-se em detrimento dos padrões de consumo da população, o autor sustenta que a “revolução industrial de Stalin” foi bem-sucedida pelos dois critérios: tanto garantiu uma elevada taxa de crescimento econômico quanto permitiu uma substancial elevação do padrão de vida da população, após 1930.

O êxito, naturalmente, encontra-se referido a padrões internacionais. No primeiro capítulo, e a título de introdução, Allen compara o crescimento russo ou soviético de 1820 a 1990 ao de diversos países, do centro e da periferia da economia mundial. A conclusão é que poucos países fora do núcleo desenvolvido da Europa Ocidental conseguiram um ganho tão expressivo de renda per capita. Enfim, o modelo soviético de industrialização revelou-se uma bem-sucedida estratégia de superação do atraso econômico, enquanto a quase totalidade dos países atrasados não logrou no mesmo período escapar do circuito da pobreza.

A primeira parte do livro é dedicada à revisão de dados e à análise da economia no período czarista e na fase anterior ao lançamento do primeiro Plano Quinquenal (outubro de 1928). O razoável crescimento da economia russa entre 1885 e 1913 motivou

(1) Resenha de: Allen, Robert C. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003.

(2) Professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp. IE), Campinas, SP, Brasil. E-mail: <mcout@eco.unicamp.br>.

alguns autores a defenderem a idéia de que, não fora a revolução soviética, a Rússia ainda assim teria superado a condição de país atrasado. Allen contrapõe-se a essa tese, mostrando a natureza e as fraquezas do crescimento industrial no período czarista, bem como as debilidades da própria agricultura. Houve no pré-guerra, em especial devido às condições favoráveis do preço do trigo, um crescimento da renda agrícola e uma estagnação do padrão de vida dos trabalhadores urbanos a níveis baixíssimos. A economia czarista, conclui Allen, não forneceu um bom ponto de partida para a superação do atraso econômico.

Para melhor entender o crescimento econômico soviético, o autor recorre aos debates travados na própria União Soviética nos anos 1920, em particular no período da Nova Política Econômica (NEP). Trata-se do famoso debate sobre a industrialização, que teve como interlocutores mais notáveis Preobrazhensky e Bukharin, mas que recebeu uma valiosa contribuição analítica de Fel'dman. O modelo de Fel'dman, de 1928, retomado e reestilizado por Domar em 1957, demonstra que, sob certas condições, é possível promover o crescimento do setor de bens de produção e em simultâneo sustentar ou expandir o consumo per capita. Foi o que ocorreu a partir dos anos 1930, o que confere realismo às hipóteses de Preobrazhensky sobre a necessidade de promover o rápido crescimento da indústria pesada, levando Allen a denominar no Capítulo 9, a título de síntese e talvez provocação – dado o quadro político do stalinismo – a política de industrialização de Stalin de “Preobrazhensky em ação”.

O problema e sua solução, como relembra Allen, foram bem formulados por Nurkse no célebre *Problemas de formação de capital nos países subdesenvolvidos*. Admitindo-se que haja um considerável contingente de população ociosa na agricultura, a questão é como transferir população do campo para as ocupações urbanas garantindo, ao mesmo tempo, a captação de excedente dos agricultores. A captação de excedente pode ser feita mediante tributação, como no Japão, mediante expropriação de produtos agrícolas ou por meio do estabelecimento de preços relativos agricultura/indústria que garantam a transferência da capacidade de poupança da agricultura para a indústria. A recém-migrada população urbana estará envolvida em atividades muito mais produtivas do que as que exercera na agricultura (estas, a rigor, de produtividade nula), o que eleva a produtividade global do sistema e sua capacidade de expansão.

No entanto, dizem os críticos, a industrialização forçada soviética exigiu uma drástica compressão do padrão de vida de todos os trabalhadores, agrícolas e urbanos, em prol da acumulação de capital no setor de bens de produção e nos serviços de transporte e infra-estrutura. Tal tese é cuidadosamente refutada na segunda parte do livro, em especial no Capítulo 7, que analisa a evolução do padrão de vida da população. Valendo-se de diversos indicadores – disponibilidade de calorias, consumo real per capita, salários reais dos trabalhadores urbanos e rurais – Allen conclui que alocar capital no setor de bens de produção possibilitou, como previsto no modelo de Fel'dman, um crescimento no consumo e uma grande elevação do padrão de vida da população transferida do campo para a cidade.

Os fatores que causaram o crescimento industrial acelerado são discutidos no Capítulo 8, por meio de um modelo (especificado em um dos quatro apêndices do livro) que procura representar a industrialização soviética nos anos 1928-1940, na trilha sugerida por Fel'dman. A rigor, Allen constrói três modelos, destinados a captar os traços essenciais do que ele denomina respectivamente de economia coletivizada (a que na realidade prevaleceu), economia baseada no modelo da NEP (que simula relações de mercado entre cidade e campo) e economia capitalista (uma variante do modelo Todaro-Harris). A trajetória de crescimento prevista pelo modelo de economia coletivizada superpõe-se bastante bem ao crescimento real (observado), o que sugere a adequação desse modelo.

A utilização de três modelos tem o propósito adicional de permitir o questionamento contrafactual. Na realidade, embora as taxas de crescimento previstas pelo modelo capitalista resultem bem inferiores ao crescimento efetivo da economia no período, as projeções efetuadas com base no modelo NEP mostram que se poderia alcançar um crescimento quase tão elevado quanto o da economia coletivizada. Isso significa, conforme Allen, que o abandono de algumas das características do modelo da NEP pouco acresceu ao desempenho econômico final, além de ter exacerbado os desmandos governamentais e gerado uma absurda perda de vidas na coletivização forçada da agricultura. O desempenho da economia sob a NEP é tema de um capítulo específico, o quarto.

Um dos subprodutos do modelo de industrialização soviética apresentado no oitavo capítulo é a discussão da racionalidade do planejamento baseado em metas de produção e em *soft budget constraint* (créditos bancários liberais para as unidades industriais, independentemente de controles de custo). No Capítulo 5, Allen já apresentara o núcleo básico do planejamento soviético. No Capítulo 8, conclui que em economias com excedente populacional, a combinação de metas quantitativas ambiciosas e *soft budget constraints* representa uma estratégia razoável de crescimento.

Um dos principais fatores do elevado crescimento da renda per capita foi a transição demográfica ensejada pelo processo de urbanização, pela educação das mulheres e pela decorrente e abrupta queda da taxa de fertilidade. No campo demográfico, a União Soviética rapidamente atingiu os padrões do mundo desenvolvido, enquanto os parâmetros da Rússia czarista apontavam para um horizonte quase indiano de explosão populacional. Allen cuidadosamente distingue nas séries populacionais os impactos das mortes massivas, provocadas pela coletivização forçada, pelas prisões em massa e pela Segunda Guerra, para concluir que, malgrado o elevado impacto dessas mortes, a queda de fertilidade foi o fator dominante a conformar a transição demográfica.

O último capítulo (O Clima Soviético) destina-se à análise da queda abrupta da taxa de crescimento da União Soviética, a partir dos anos 1970. Mais uma vez, Allen deseja se contrapor às interpretações correntes, em particular a duas teses em moda, a saber, que “problemas de incentivo” inerentes a uma economia socialista provocaram o desastre econômico, e que a economia soviética seria intrinsecamente incapaz de gerar e propagar o progresso técnico requerido pela industrialização a partir do final dos anos 1960. Ambas as teses são contestadas, desta vez com base em numerosos exemplos. O problema, afirma Allen, residiu antes na adoção pelo núcleo dirigente de políticas

equivocadas e incapazes de modernizar a economia. Residiu também na drenagem de recursos provocada pela corrida armamentista, diante do jamais resolvido *trade-off* economia militar/economia civil. Já a Segunda Guerra impusera à economia soviética um ônus acentuado.

Em relação ao capítulo final, fica o leitor com a impressão de que, por sua brevidade (pensando-se na magnitude do debate recente sobre a decadência da economia soviética), foi servido apenas um aperitivo de trabalhos em elaboração. Mesmo nesse aperitivo, Allen não deixa de mostrar sua habilidade de polemista e contraditor de consensos, a partir da coleção de muita informação e da capacidade de formular as questões econômicas relevantes.

Um último comentário: o livro de Allen mostra o elevado nível que pode atingir a história econômica, quando se combinam erudição histórica, capacitação no manejo da argumentação econômica, demográfica e econométrica, além de obsessão pela reconstituição de séries relevantes de dados. Nessa perspectiva, *Farm to factory* transcende seu tema – a reconstituição analítica da economia soviética – e representa mesmo uma trajetória possível para a história econômica: utilização de modelos e técnicas usuais em economia e na teoria do desenvolvimento para captar a *rationale* dos processos históricos.